

Willem de Rooij

HUT HUT

Lumiar Cité

21.02 – 12.05.2026

Guia da exposição
Exhibition guide

Na sua obra, Willem de Rooij aborda criticamente as histórias da arte global e a antropologia visual, justapondo objetos de que se apropria considerando a interligação entre contextos institucionais e formas contemporâneas de mediação. “Hut Hut” é a primeira exposição individual de Willem de Rooij em Portugal, em que apresenta uma nova instalação “site-specific” e duas obras antigas raramente exibidas.

O impacto das obras *Rijksmuseum/Tropenmuseum* e *Hut*, ambas de 1993, reside no que é visível e no que é obscurecido: cada uma consiste num conjunto de postais parcialmente cobertos com tinta guache preta. Utilizando o duplo como dispositivo formal e retórico, estas primeiras obras articulam preocupações centrais que viriam a definir a prática do artista: as ideologias coloniais e nacionalistas que sustentam os museus dedicados tanto à arte como à etnografia, e as questões da ética e da política presentes nas coleções e nos sistemas de exibição.

A instalação *Hut Hut*, desenvolvida especificamente para o espaço Lumiar Cité, aborda estas questões através de um estudo detalhado dos abrigos de pastor nas coleções do Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa, e do Museo del Pastor, em Villaralto, Espanha. Uma vez que os abrigos frágeis não podem ser removidos dos seus locais de conservação, Willem de Rooij opta por “empréstimos digitais”, apresentando-os no espaço Lumiar Cité através de transmissões em direto dos dois museus.

Por meio de câmaras de segurança, o artista estabelece um diálogo em tempo real entre os objetos e os seus contextos museológicos, a arquitetura moderna do espaço expositivo e o ambiente urbano da Alta de Lisboa, onde a galeria está situada. Ao traçar paralelos com as noções contemporâneas de vigilância e proteção — sendo esta última a função original dessas estruturas vernáculas —, o trabalho aborda especificamente o planeamento urbano, a institucionalização da memória cultural e a direção do olhar etnográfico.

Through his work, Willem de Rooij critically engages global art histories and visual anthropology, juxtaposing appropriated objects and considering the interconnection between institutional contexts and contemporary forms of mediation. 'Hut Hut' is De Rooij's first solo exhibition in Portugal, featuring a new site-specific installation and two rarely shown early works.

The effect of *Rijksmuseum/Tropenmuseum* and *Hut*, both from 1993, lies as much in what is visible as in what is obscured: each consists of a set of postcards partially covered with black gouache paint. Employing the double as a formal and rhetorical device, these early works articulate core concerns that have come to define De Rooij's practice: the colonial and nationalist ideologies at the foundation of museums devoted to both art and ethnography, and the ethics and politics of collecting and display.

The installation *Hut Hut*, developed especially for Lumiar Cité, builds on these underpinnings through a detailed study of shepherds' shelters in the collections of the National Museum of Ethnology in Lisbon and of the Museo del Pastor in Villaralto, Spain. Since the fragile shelters cannot be removed from their places of preservation, De Rooij opted for 'digital loans', presenting them at Lumiar Cité by way of live streams from the two museums.

Using security cameras, De Rooij establishes a real-time dialogue between the objects and their museum contexts, the modern architecture of the Lumiar Cité exhibition space and the urban environment of Alta de Lisboa, where the gallery is situated. While drawing parallels with contemporary notions of surveillance and protection—the latter being the original function of these vernacular structures—here the work specifically addresses urban planning, the institutionalisation of cultural memory and the direction of the ethnographic gaze.

Lista das obras / List of works

***Hut*, 1993**

Dois postais idênticos, um pintado a guache.
Two identical postcards, one painted with gouache.
Cada / each 10,4 x 14,6 cm.



***Rijksmuseum/Tropenmuseum*, 1993**

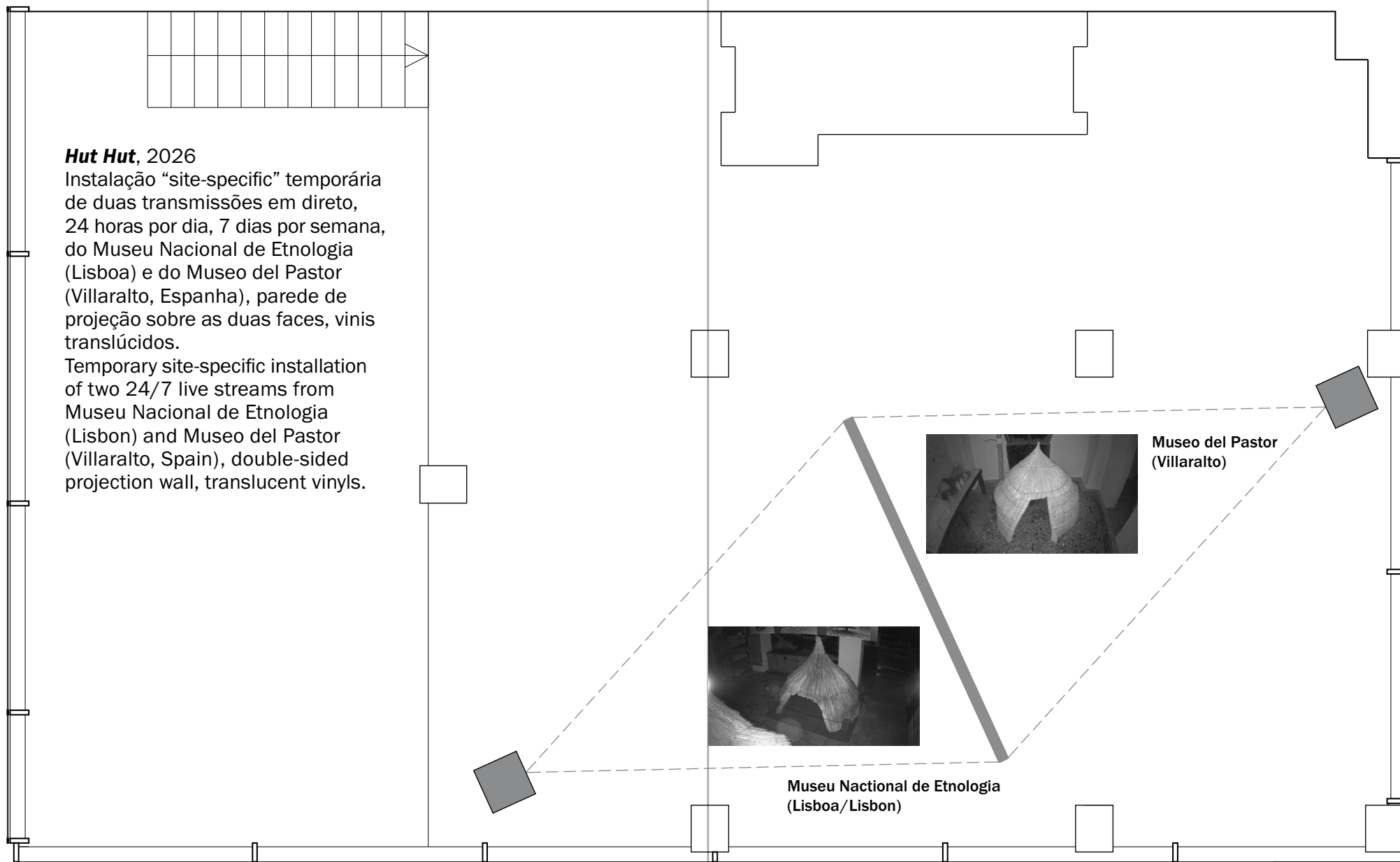
Dois postais idênticos, um pintado a guache.
Two postcards painted with guache.
Cada / each 10.4 x 14.6 cm.



Hut Hut, 2026

Instalação “site-specific” temporária de duas transmissões em direto, 24 horas por dia, 7 dias por semana, do Museu Nacional de Etnologia (Lisboa) e do Museo del Pastor (Villaralto, Espanha), parede de projeção sobre as duas faces, vinis translúcidos.

Temporary site-specific installation of two 24/7 live streams from Museu Nacional de Etnologia (Lisbon) and Museo del Pastor (Villaralto, Spain), double-sided projection wall, translucent vinyls.



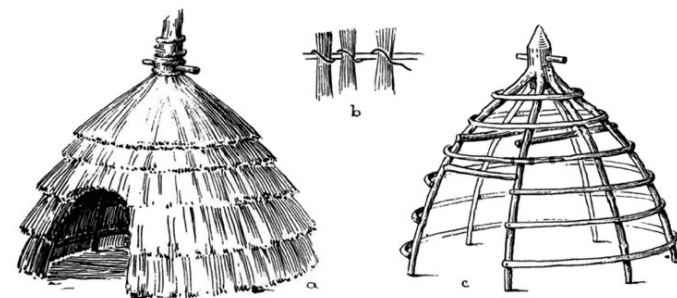
Excertos do livro *Construções primitivas em Portugal*, de Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira (Etnográfica Press, Lisboa, 1988). Adaptados à grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

As construções primitivas, assim definidas de um modo geral, parecem sem dúvida corresponder ao conceito corrente de abrigos; e de facto nos primórdios da civilização humana, todas as construções ou formas habitacionais não eram mais do que simples abrigos. Tecnicamente, porém, dentro daquela definição, e em relação ao presente, [distinguimos] abrigos e construções primitivas propriamente ditas: os primeiros são construções sumárias e normalmente muito exíguas, de habitação temporária ou mesmo ocasional, em certos casos móveis, mal se podendo, nos seus tipos mais rudimentares, falar, a seu respeito, de sistemas ou estilos com características regionais; as segundas são edificações fixas e para habitação ou utilização permanente ou normal, obedecendo a sistemas de construção bem definidos com nítida diferenciação tipológica ou regional.

Choços cónicos

Nos choços cónicos, a armação é formada por um número variável de varas dispostas em círculo a partir de um pião central, e ligadas, em diferentes alturas, por arcos ou cintas também de varas. Eles encontram-se sobretudo na Beira Alta, em Penalva do Castelo, Gouveia, Seia, Mangualde, etc., e também, geralmente, como abrigos de pastores. Em Penalva, Sátão, etc. vimo-los com oito varas, e nove arcos de *vergueiros*, a elas pregados; o colmo era posto às camadas, de baixo para cima, de modo que, exteriormente, ele fica em *degraus* sobrepostos; cada camada é presa por um vencilho de palha — uma pessoa pelo lado de fora assenta as manadas, e passa o vencilho para outra pessoa que está dentro do cone, e que o torce sobre o arco correspondente e o passa outra vez para fora —; o alto é rematado com uma longa corda de palha, como as medas. Por vezes, como sucede em Mangualde e Gouveia, em lugar das varas presas ao pião usa-se uma rodada de galhos dispostos radialmente e fixos ainda ao pedaço do tronco de um pinheiro; as varas são apertadas por cintas que lhes dão o afastamento

conveniente; uma ou mais varas suplementares são aplicadas a preencher os vazios maiores; em cima, atravessando o pedaço de tronco que faz de pião, há um pau curto que segura no sítio as cordas de palha que rematam a colmadura. Em Gouveia, por seu turno, vemos também *cibanas* com o esqueleto feito de uma rodada de galhos de pinheiro a partir de um pião central — três pernas a que juntaram outras três suplementares —, a que se prendem seis anéis de varas rachadas a meio, que ajudam a manter a curvatura das pernas, e fazem ao mesmo tempo de ripas; o colmo é cosido em manadas com arames em todas estas varas (menos na inferior, junto ao solo), com os couces para baixo, mostrando, do lado exterior, os degraus das cinco fiadas bem marcados; no alto, o capucho é apertado com arame, e atravessado por um pau formando cruz com ele, e que não deixa que as voltas do arame escorreguem. Num exemplar em Pinhanço, as medidas interiores eram de 1,35 m de altura do solo ao pião, e 2 m de diâmetro na base; a entrada ficava entre dois galhos, e media 1,06 m de largura e 77 cm de altura. Para se deslocar, o pastor leva o seu choço enfiado pela cabeça, como se fosse uma croça; no exemplar de Pinhanço acima mencionado viam-se, a cerca de 30 cm abaixo do pião, duas varas direitas e paralelas, fixas às pernas, que apoiavam sobre os ombros do pastor, para essas deslocações.



Pinhanço, Gouveia. Cibana de pastor. a) Aspeto geral. b) Maneira de enlaçar as manadas de colmo. c) Esqueleto da cibana, podendo ver-se, no alto, duas varas horizontais, que apoiam nos ombros da pessoa, quando do seu transporte. Shepherd's *cibana*. a) General appearance; b) How the straw bundles are tied together; c) Skeleton structure of the cibana, showing two horizontal poles at the top that rest on the shoulders of the person carrying it.

Choços semicónicos

Noutras regiões, na Beira Baixa, em Penamacor, Proença a Velha, Castelo Branco, etc., e também no Alentejo, por exemplo em Castro Verde, Vimieiro, Mora, etc., o *choço*, em vez da forma cónica e planta circular, é semicónico e de planta semicircular. A sua armação, neste caso, tem como peça mestra um galho bifurcado ou um forte pau arqueado, que ficam à frente fazendo a entrada do *choço*, e a partir do qual seguem, para trás, mais pernas encurvadas, às quais se pregam, como nos *choços* cónicos, varas horizontais em semicírculo, a alturas diferentes. Por vezes, sempre que possível, um galho polifurcado substitui o conjunto do pau ou galho da frente com as pernas encurvadas. Em Castro Verde, vimos um destes *choços* com a palha presa exteriormente por varas curvas horizontais ligadas entre si por cordas ou fios cruzados em X; e em Castelo Branco, por cima da palha, põe-se por vezes uma cobertura de giesta ou varedo rachado.

Como variante deste tipo, encontramos, em certas regiões estremanhas a Sul do Tejo, no litoral alentejano, e também pela orla fronteiriça de Reguengos de Monsaraz, *choços* cujo esqueleto tem a forma de semipirâmide regular, idêntica à de certos abrigos fixos que atrás descrevemos. Eles compõem-se então de duas pernas retilíneas inclinadas, presas em cima, que fazem a entrada do *choço*, do alto das quais parte outra vara também retilínea, fazendo de cume, mais ou menos inclinado, que pousa, atrás, no chão; várias outras pernas inclinadas, sucessivamente mais pequenas, vão, em diferentes alturas, do cume para o chão, todas elas ligadas entre si e às da frente por vergas horizontais. No exemplo de Reguengos de Monsaraz, as pernas do *choço* são amarradas com mais voltas de arame ao cume; as vergas que fazem de ripas são pregadas e amarradas; a palha é espalhada e apertada por outras vergas exteriores de 40 em 40 cm ou 50 em 50 cm, que amarram para as de dentro.

Estes *choços*, cónicos ou semicónicos, aparecem, em muitos casos, de dimensões diminutas, servindo como casota de cão ou galinheiros, e por vezes ao lado dos abrigos de *esteiras*.

Excerpts from the book *Construções primitivas em Portugal* by Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano and Benjamim Pereira (Lisbon: Etnográfica Press, 1988).

In general terms, primitive constructions undoubtedly seem to correspond to the current concept of shelters, in fact, all constructions or forms of housing were nothing more than simple shelters in the early days of human civilisation. However, within that definition and in relation to the present we technically make a distinction between shelters and proper primitive constructions. The former are rudimentary and usually very small constructions for temporary or even occasional habitation, in some cases mobile, and even in their most rudimentary forms they do have systems or styles with regional characteristics. The latter are fixed buildings for permanent or normal habitation or use, obeying well-defined construction systems with clear typological or regional differentiation.

Conical huts (choços)

In conical huts, the frame is formed by a variable number of poles arranged in a circle around a central pole, connected at different heights by arches or straps also made of poles. They are found mainly in Beira Alta, in Penalva do Castelo, Gouveia, Seia, Mangualde, etc., and also, generally, as shelters for shepherds. In Penalva, Sátão, etc., we saw them with eight rods and nine arches of *wicker* nailed to them; the thatch was laid in layers, from bottom to top, so that, on the outside, it forms overlapping steps; each layer is secured by a straw tie—a person on the outside secures the bundles and passes the tie to another person inside the cone, who twists it over the corresponding arch and passes it back outside; the top is finished with a long straw rope, like in haystacks. Sometimes, as in Mangualde and Gouveia, instead of the sticks attached to the pole, a circle of branches arranged radially and still attached to a piece of pine trunk is used; the sticks are held together by straps that give them the appropriate spacing; one or more additional sticks are added to fill the larger gaps; at the top, crossing the trunk, there is a short stick that acts as a pivot that holds in place the straw ropes that finish off the roof. In Gouveia, in turn, we also see

cibanas with a frame made of a circle of pine branches from a central hoop—three legs to which three additional ones have been added—to which six rings of sticks split in half are attached, which help to maintain the curvature of the legs and at the same time act as slats; the thatch is sewn in bundles with wire to all these sticks (except the bottom one, closest to the ground), with the thickest end of the straw facing downwards, showing the five well-marked rows of steps on the outside; at the top, the *capucho* is tightened with wire and crossed by a stick forming a cross with it, which prevents the wire loops from slipping. In an example in Pinhanço, the interior measurements were 1.35 m from the ground to the top and 2 m in diameter at the base; the entrance was between two branches and measured 1.06 m wide and 77 cm high. To move around, the shepherd carried his *choço* over his head, as if it were a *croça* [a raincoat made of straw]. In the example from Pinhanço mentioned above, about 30 cm below the hoop, there were two straight, parallel sticks attached to the legs, which rested on the shepherd's shoulders for these movements.

Semi-conical choços

In other regions, in Beira Baixa, Penamacor, Proença a Velha, Castelo Branco, etc., and also in Alentejo, for example in Castro Verde, Vimieiro, Mora, etc., instead of being conical in shape with a circular base, the *choço* is semi-conical with a semi-circular base. In this case, the frame has a forked branch or a strong arched stick as its main element, which is placed at the front to form the entrance to the *choço*, and from which more curved legs extend backwards, to which horizontal sticks are nailed in a semi-circle at different heights, like in conical *choços*. Whenever possible, a multi-forked branch replaces the front stick or branch with the curved legs. In Castro Verde, we saw one of these *choços* with straw attached to the outside by curved horizontal sticks connected to each other by ropes or wires crossed in an X shape; and in Castelo Branco, a covering of broom or split brushwood is sometimes placed on top of the straw.

As a variant of this type, in certain regions of Extremadura south of the Tagus, on the Alentejo coast, and also along the border of Reguengos de Monsaraz, we find huts whose skeleton is shaped like a regular semi-pyramid, identical to that of certain fixed

shelters described above. They are composed of two straight inclined legs, fixed at the top, which form the entrance to the *choço*, from the top of which another straight pole extends, forming a more or less inclined peak, which rests on the ground behind; several other sloping legs, successively smaller, extend at different heights from the ridge to the ground, all of them connected to each other and to the front ones by horizontal bars. In the example of Reguengos de Monsaraz, the legs of the *choço* are tied with more turns of wire to the ridge; the bars that form the slats are nailed and tied; the straw is spread and held in place by other outer bars every 40 cm or 50 cm, which are tied to the inner ones.

These *choços*, conical or semi-conical, are often very small, serving as dog kennels or chicken coops, and are sometimes located next to shelters made of *mats*.

Desde o início dos anos 1990, Willem de Rooij (Beverwijk, 1969) desenvolve instalações temporárias que analisam as políticas de representação. Focado nas possibilidades oferecidas pelas obras “time-based media”, utiliza a montagem para combinar os objetos de que se apropria. A sua prática é definida por um corpus singular de objetos elaborados com precisão e publicações cuidadosamente editadas. Membro da Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, Willem de Rooij é docente na Städelschule (Frankfurt/Main) e na Rijksakademie (Amsterdão). Em 2016, cofundou o BPA// Berlin program for artists. Representou os Países Baixos na Bienal de Veneza de 2005, juntamente com Jeroen de Rijke. Entre as suas exposições individuais destacam-se apresentações no Centraal Museum (Utrecht, 2025), Akademie der bildenden Künste (Viena, 2023), Portikus (Frankfurt/Main, 2021), IMA Brisbane (2017), MMK Museum für Moderne Kunst (Frankfurt/Main, 2016) e Le Consortium (Dijon, 2015). Participou em exposições coletivas em instituições e bienais, incluindo: Museum of Contemporary Art (Busan), Hammer Museum (Los Angeles), 17.ª Jakarta Biennale e 10.ª Shanghai Biennale.

Since the early 1990s, Willem de Rooij (Beverwijk, 1969) has created temporary installations that analyse the politics of representation. Well-versed in the affordances of time-based media, he uses montage to combine appropriated objects. His practice is marked by a distinct corpus of precisely crafted objects and closely edited publications. A member of the Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, Willem de Rooij teaches at the Städelschule (Frankfurt/Main) and Rijksakademie (Amsterdam). He co-founded BPA// Berlin program for artists in 2016. Together with Jeroen de Rijke he represented The Netherlands at the 2005 Venice Biennale. Solo exhibitions include presentations at the Centraal Museum (Utrecht, 2025), Akademie der bildenden Künste (Vienna, 2023), Portikus (Frankfurt/Main, 2021), IMA Brisbane (2017), MMK Museum für Moderne Kunst (Frankfurt/Main, 2016) and Le Consortium (Dijon, 2015). He has also participated in group exhibitions at institutions such as the Museum of Contemporary Art (Busan), the Hammer Museum (Los Angeles), the 17th Jakarta Biennale and the 10th Shanghai Biennale.

Lumiar Cité

Direção / Director:

Jürgen Bock

Direção Administrativa / Administrative Director:

Carlos Alberto Carrilho

Produção / Production:

Filipe André Alves

Assistência de Administração / Administrative Assistant:

Teresa Pinheiro

Texto / Text:

Willem de Rooij, Jürgen Bock

Design:

Arne Kaiser

A reprodução do texto do livro *Construções primitivas em Portugal* é feita com a gentil autorização da Editora Etnográfica Press.

Reproduction of the text from *Construções primitivas em Portugal* with the kind permission of Etnográfica Press.

A exposição tem o apoio do Mondriaan Fund (Países Baixos)

no âmbito da promoção internacional da arte neerlandesa.

The exhibition is kindly supported by the Mondriaan Fund (Netherlands) as part of its international promotion of Dutch art.

Produção / Produced by:



MAUMAUS
Residency Programme

Estrutura financiada por / Funded by:



dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

Colaboração / Collaboration:



Apoio / Supported by:



Lumiar Cité

Rua Tomás del Negro 8A
1750-105 Lisboa
Tel. +351 21 755 15 70
lumiar.cite@maumaus.org
www.maumaus.org

